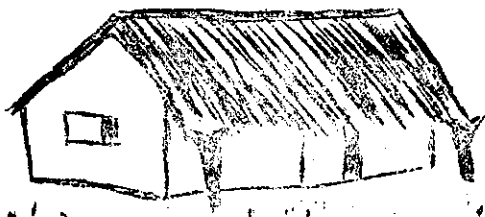


Rubeu

CEDI - P. I. B.
DATA 11/09/79
COD. KD 00000

INFORMATIVO

HISTORIA DAS MISSOES III



Kokueguasú: roças comunitarias



FATOS
E
NOTÍCIAS

KAIOÁ: UMA ESPERA SEM FIM

SETEMBRO 1979
Nº 11

PASTORAL INDIGENISTA
DE DOURADOS

LEIA NESTE INFORMATIVO:

Uma Espera sem Fim	pag. 3
II Assembleia de pastoral indigenista	pag. 5
Reunião de líderes indígenas na Grande Dourados	pag. 5
Roças comunitárias	pag. 6
Encontro para o estudo da Realidade Indígena ...	pag. 8
Realidade indígena - Seminario em Dourados	pag. 8
Fatos & Noticias	pag. 9
Grupo do Pancho ainda sem solução	pag. 11
Cimi realiza Assembleia Nacional e tem nova diretoria	pag. 12
Historia das Missões III (ultima parte)	pag. 14

ESTE INFORMATIVO É NOSSO E VOSSO

LEIA E PASSE ADIANTE LEIA E PASSE ADIANTE LEIA E PASSE ADIANTE

Se queres prestar a sua colaboração e colocar a sua crítica ou
idéia escreva para:

Equipe de pastoral indigenista
da Diocese de Dourados
Casa paroquial, Vila São Pedro
79.800 Dourados - MS

Se os 88 índios Kayoá fossem esperar pela atuação da FUNAI ainda estariam alojados no antigo P.I. de Dourados aguardando o cumprimento dos inumeráveis promessas feitas pelo órgão.

No nosso informativo lo, pg.7 escreviamos, crentes que desta vez a FUNAI iria cumprir o dever dela e possibilitar a volta dos Kayoá, INDIOS KAYOÁ VOLTAM.....

Mas mais uma vez na sofrida história deste grupo, a FUNAI se tornou ausente e omissa.

Em Maio, esperavam os índios, tudo iria se acertar e eles poderiam voltar à habitar as suas terras, no chamado Jacaré e então ocupadas pela Faz. Maciel-Cue, da CIA Mate-Laranjeira e das quais foram tirados pelo próprio órgão tutelar em plano conjunto com a fazenda.

No dia 30 de Maio chegou em Dourados uma comissão para elaborar, com os índios a proposta de área, onde tradicionalmente moravam - Foi pelo menos o que se esperava. Fizeram parte desta comissão o Coronel Nestor e a Dra. Moema, ambos de Brasília, o Del. reg. da 9ª Delegacia Joel de Oliveira e um agrônomo da Delegacia Regional. Como representante, por parte da fazenda, o administrador da CIA Mate-Laranjeira o Sr. de Luci.

Buscaram no antigo P.I. de Dourados o líder dos Kayoá, Lídio e mais um companheiro. Mas logo chegando na faz. Maciel-Cue, revelou-se o objetivo desta comissão. Foram diretamente para uma área nos fundos da fazenda, chamada Guaimbé e fizeram a seguinte "proposta": que os índios poderiam voltar logo se eles aceitam uma área no Guaimbé (área de campo, quase sem mato), mas se eles querem voltar no Jacaré (terra deles) tem que esperar mais um a 2 anos.

Os dois Kayoá voltando, discutiram com os patrícios - eles não aceitaram.

No início de Junho uma parte do grupo se põem na estrada para voltar a pé até a área do Guaimbé e ficam lá. A fazenda deixa eles em paz e da parte da FUNAI não recebem nenhuma ajuda.

A outra parte do grupo fica esperando em Dourados.

No dia 4 de junho um membro da nossa equipe tenta falar em Brasília com a Dra. Moema e o Coronel Nestor sobre a situação desesperadora deste grupo e recebeu por parte da Dna. Moema os seguintes palavras: ...você não é da FUNAI, nem da fazenda e portanto não tem nada a ver com isto....

Nos dias seguintes chega o Pe. Iasi e junto com alguns índios e um membro da nossa equipe se tenta ver a proposta dos índios, qual é

a terra tradicionalmente habitada por eles e que área eles querem ver demarcada. Nesta visita se descobre também que em Agosto 78 (um mes antes da expulsão deste grupo) a Faz. Maciel-Cue expulsou do Guaimbé um outro grupo, um total de 6 famílias indígenas.

Foi enviada uma carta do nosso Bispo e um relatório da Equipe, elaborado em conjunto com o Pe. Iase, para a FUNAI. Neste relatório a Equipe de Pastoral indigenista apresentou um plano concreto de área (conforme determinação dos índios) e já especificou os passos concretos a serem dados pela FUNAI para o reassentamento do grupo na sua terra. A Equipe se ofereceu ainda a fornecer sementes e ferramentos ao grupo indígena.

Seguiram para Brasília o líder Lidio junto com um acompanhante. Eles tiveram algumas conversas com o pessoal da FUNAI, entre eles o Superintendente Sr. Pedro Paulo que prometeu, que dentro de 2 semanas a questão seria resolvida. Ele assegurou o direito deles pela área no Jacaré e anunciou que ele mesmo viria para Dourados..... Assim o mes de Julho passou de novo na espera. De novo os índios acreditaram que desta vez o problema será resolvido e sempre crentes que isto acontecesse com ajuda efetiva da FUNAI. Até que enfim também a quase inesgotável paciência deles teve um fim. No início de Agosto os Kayoá restantes, que aguardavam ainda uma solução por parte do órgão tutelar se põem na estrada e voltam a pé para as terras deles.

Hoje estão na área do Jacaré, construindo de novo as casas e fazendo as roças - da FUNAI não escutaram nada, nem receberam alguma coisa e até 20 de Agosto nenhum funcionário lá aparecera. Se fossem depender da FUNAI já teriam perecido de fome pois perderam tudo nestas andanças todas.

O administrador exige uma autorização por parte da FUNAI para que eles possam ficar nas suas terras.



II ASSEMBLÉIA DE PASTORAL INDIGENISTA:

- 5 -

Realizou-se nos dias 6 e 7 de Junho de 1979 no Irpamat, Campo Grande, a II Assembléia de Pastoral Indigenista da nossa região. Estiveram presentes os Sr. Bispos das Dioceses de Dourados, Dom Teodoro e de Corumbá, Dom Onofré, o presidente do CIMI, Dom Tomás Balduino, representantes das duas Dioceses, representantes do CIMI Nacional, da CPT, da CNBB regional e o assessor Pe. Marcelo de Barros. Foi levantada a realidade indígena regional e exposto o trabalho pastoral. Constatamos que em muitas áreas a situação das populações indígenas piorou no último ano.

Apesar de muitas promessas por parte do órgão oficial, os índios Guató continuam sem terra; a área de Bodoquena continua arrendada pela FUNAI; as reservas indígenas demarcadas, tanto dos Guarani, quanto dos Terena, se tornam cada vez mais insuficientes (aumento de população, invasões, etc.); vários grupos indígenas expulsos pelos fazendeiros de suas terras, etc.

A colocação do Pe. Marcelo nos ajudou na reflexão teológica-pastoral, na qual se insere a pastoral indigenista.

Foi votada e aprovada por unanimidade a constituição do Regional CIMI - Mato Grosso do Sul. Em seguida elegemos o nosso representante regional para os prox. 4 anos. Ficou eleito Antonio Brand, da equipe de Dourados.

REUNIÃO DE LÍDERES INDÍGENAS NA GRANDE DOURADOS:

Início de Junho se realizou a 3ª reunião deste tipo; ela se caracterizou sobretudo pela discussão dos problemas vividos cada dia pelos índios na nossa região: Exploração por parte dos brancos na venda dos produtos (p. ex. erva-mate, milho etc.); na changa (salários baixos muitas vezes maus tratos, etc.); problemas na assistência da saúde (falta de remédios nos postos da FUNAI), a insegurança dos grupos indígenas que não tem terras demarcadas e a total insuficiência de tamanho das áreas indígenas na região da Grande Dourados.

Como ação concreta os líderes dos grupos, prevendo a irresponsabilidade da FUNAI, resolveram ajudar o grupo do Lídio, líder do grupo que foi transferido para Bodoquena, com alimentação (arroz, feijão e mandioca) assim que eles voltarem as suas terras. Mesmo eles tendo pouco se dispuseram de repartir com os seus irmãos mais necessitados.

Próxima reunião:

Início de Setembro haverá outra reunião de líderes indígenas na aldeia de Jacarei.

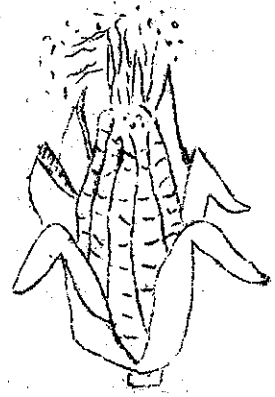
ROÇAS COMUNITÁRIAS

-6-

O plantio de 78/79:

Em Agosto de 78 a Pastoral indigenista de Dourados começou o trabalho de roças comunitárias junto a um grupo (7 pais de família, 2 solteiros) na reserva de Jacarei (mun. de Mundo Novo).

O grupo plantou uma roça de ca. 6 ha de arroz, feijão, soja e milho. Todo mundo sabe das dificuldades que o tempo apresentou para a plantação nesta época passada. Assim este grupo perdeu muito pela seca e chuva



fora de tempo. Mesmo assim conseguiram colher ainda uns 16 sacos de arroz, uns 12 e meio de feijão, 4 carro de milho e um restinho de soja que quase apodreceu.

Neste mesmo ano também o chefe de posto da FUNAI começou com um grupo de 10 homens na mesma reserva; também eles perderam alguma coisa na colheita, apesar de um esforço muito grand tanto por parte dos índios como do chefe de posto.

Surgem novos grupos:

Em Maio 79, o mesmo grupo resolveu tentar de novo, plantando mais variedades, aumentando um pouco a roça e aproveitando as diferentes épocas de plantio.

Ao mesmo tempo surgiram vários outros grupos na mesma reserva que também queriam começar este tipo de trabalho com a ajuda da Pastoral Indigenista. Como as nossas possibilidades financeiras (e também de acompanhamento) estão muito limitadas, só podíamos aceitar 2 novos grupos, sendo então três com este do ano passado.

Funcionamento dos grupos:

Os grupos se reúnem basicamente em redor da família extensiva, acietando também outros companheiros (p. ex. vizinhos). Estes grupos tem pelo menos 5 membros (geralmente pais de família) que partem para uma plantação em conjunto, cuja colheita será distribuída por partes iguais.

Todas as questões referentes a este trabalho estão sendo discutidas e resolvidas em reunião do grupo todo, normalmente junto com um dos agentes da pastoral.

Inicialmente a gente fornece alimentação (arroz, feijão, sal, graxa e sabão), ferramentas (foiça, machado, enxada, facão) e sementes (depen -

dendo o que e quanto os índios querem plantar). Esta nossa ajuda pretendemos diminuir na medida em que os resultados das roças substituem a necessidade desta ajuda de fora.

Experimentando se dá

Como as nossas possibilidades são muito limitadas, este ano só podemos dar esta ajuda integralmente para estes três grupos. Mesmo assim outros três grupos se reuniram em Jacarei e pediram somente semente de feijão para com isso tentarem uma pequena plantação comunitária apesar de seguidamente saírem para a changa nas fazendas, como unico meio de arrumar o sustento deles. Se estas pequenas tentativas derem certas, estes 3 grupos vão trabalhar integralmente no sistema no sistema comunitário no ano que vem.

Passos da caminhada e resultados:

O primeiro grupo que começou mesmo tendo grandes perdas na colheita, ficou bastante entusiasmado com este tipo de trabalho. Eles, que nos anos anteriores passaram muitas vezes fome, passaram agora a se alimentar regularmente apesar de só ter o minimo necessario. Isto já trouxe alguma melhoria em termos de saude, sendo que eles (adultos e crianças) estão visivelmente melhor nutridas.

Também estão planejados melhoramentos em termos técnicos: já se comprou um cavalo que vai puxar o arado para poder tombar melhor as capoeiras. Já plantaram (o primeiro grupo) 4.000 pés de mandioca querendo plantar ainda mais 6.000 e muito milho para, a partir da seguinte colheita, poder começar com uma criação de porcos.

Outra novidade que o trabalho de roças comunitárias trouxe, são as reuniões de líderes indígenas muito estimadas por eles. (Veja art. Reuniões de Líderes Indígenas..)

Dificuldades em outra área:

A Pastoral Indigenista começou também dar um apoio a este grupo Kayoá que depois da transferência para Bodoquena voltou agora, finalmente às suas terras. Também eles querem plantar roças comunitárias, recebendo da Pastoral Indígena ferramentas e sementes, enquanto a FUNAI deveria entrar com a alimentação. Infelizmente a FUNAI até hoje (20 de Agosto) não levou ainda nenhum saco de arroz ou outro alimento para a aldeia deste grupo, apesar de prometer dar além da alimentação também ferramentas e sementes. Criou-se assim uma situação bastante difícil para os índios, porque não tendo nada para comer, eles tem que sair para a changa,

não podendo assim plantar uma roça suficientemente grande para recuperar o que eles perderam com esta transferência arbitrária, correndo assim o risco de passar fome também no ano que vem.

Rocas comunitárias sustentadas também por antropólogos e metodistas:

Em outras 3 áreas da Grande Dourados uma equipe de antropólogos possibilita já no 3º ano o mesmo tipo de trabalho de roças comunitárias para um total de 17 grupos, sendo apoiados decididamente pelos chefes de postos de Taguaperi e Pirajuy.

No P.I. de Dourados é a Igreja Metodista que ajuda (inclusive com a orientação e assistência de um agrônomo) a um grupo maior de índios a plantarem comunitariamente. Este agrônomo se dispôs a dar uma mão, dando conselhos e orientações também a respeito das roças dos grupos ligados aos antropólogos e a Pastoral Indigenista.

Esforço em conjunto:

Assim não só os índios se esforçam, cada vez mais, de resolverem os seus problemas em conjunto; também as pessoas e entidades que acham que as roças comunitárias são um dos caminhos viáveis para os índios da Grande Dourados, procuram se ajudar mutuamente, no caminho da realização deste objetivo comum: as roças comunitárias como meio de reorganização dos índios, base para a superação da miséria em que eles vivem. xxx

ENCONTRO PARA O ESTUDO DA REALIDADE INDÍGENA:

Com a colaboração do Reg. do CIMI-MS a Diocese de Corumbá vai organizar em Outubro dois encontros (fins de semana) para o estudo da Pastoral Indigenista nas cidades de Corumbá e Aquidauana.

REALIDADE INDÍGENA -

um dos assuntos debatidos em Seminario em Dourados

Entre os dias 31/08 e 03/09 será realizado um seminario no Centro Universitário de Dourados. Entre os diversos assuntos a serem apresentados e discutidos um deles será a realidade indígena nacional. A pastoral indigenista de Dourados vai se fazer presente, aproveitando a ocasião, para dar uma informação objetiva aos estudantes interessados.

=====

FATOS & NOTICIAS FATOS & NOTICIAS FATOS & NOTICIAS FATOS & NOTI

=====

INDIOS GUAJAJARAS - Alto Alegre - Maranhão

Os índios Guajajaras há muito tempo estão entre os grupos indígenas que lutam em torno do problema da Terra. A realidade complexa desta área foi relatada pelo CIMI, no seu boletim nº 56 mai/jun 79, no qual expõe vários fatores agravantes da situação atual e chama atenção ao risco de ocorrerem novos conflitos entre índios e posseiros, caso não se tomarem certas medidas.

Como as medidas necessárias não foram tomadas, aconteceu o que segue;

GUAJAJARAS QUEIMAM ROÇAS NO MARANHÃO - ESP 19/06/79

"Os índios Guajajaras da Barra do Corda, Maranhão, vão entrar em guerra, até o fim do mês, contra os invasores de suas terras, se a FUNAI não retirar os colonos que se estabeleceram em quatro pontos diferentes da área indígena do Estado".

No início de julho, conforme jornal do Brasil de 10/07/79, os índios Guajajaras realizam um ataque aos povoados de Matusalém e Angical, no município de Grajaú, MA, em represália à ação dos lavradores que impediram a demarcação das terras do posto indígena de Bacurizinho.

CONSIDERADO EMOCIONAL O ATAQUE DOS GUAJAJARAS - ESP 10/07/79

"O presidente da FUNAI, Sr. Ademar Ribeiro da Silva, atribuiu o ataque dos índios Guajajaras aos colonos que vivem nas proximidades do Posto Indígena Bacurizinho, Ma, a um "Surto emocional", causado pela intensificação da ocupação das terras indígenas naquela região."

No dia 03 de agosto /79, oito lavradores atacaram a aldeia Guajajara deixando sete índios feridos.

ANDREAZZA DESMENTE MORTES, MAS CONFIRMA ÍNDIOS FERIDOS - ESP 07/08/79

"O Ministro do Interior, Mário Andreazza, confirmou, em São Luís, MA, que sete índios Guajajara foram feridos por lavradores, mas desmentiu a notícia de que tres outros tinham sido fuzilados, perto da aldeia Urucu. O ministro anunciou que a transferência dos quase cinco mil invasores da reserva indígena Canabrava começará dentro de seis meses, embora só possa ser concluída um ano depois."

ESTÃO EM SÃO LUÍS OS LÍDERES DO ATAQUE AOS ÍNDIOS - ESP 12/08/79

"Os principais líderes do ataque aos Guajajaras foram presos e recambiados para São Luís, MA."

=====

CIAS FATOS & NOTICIAS FATOS & NOTICIAS FATOS & NOTICIAS FATOS

=====

=====

& NOTICIAS FATOS & NOTICIAS FATOS & NOTICIAS FATOS & NOTICIAS F

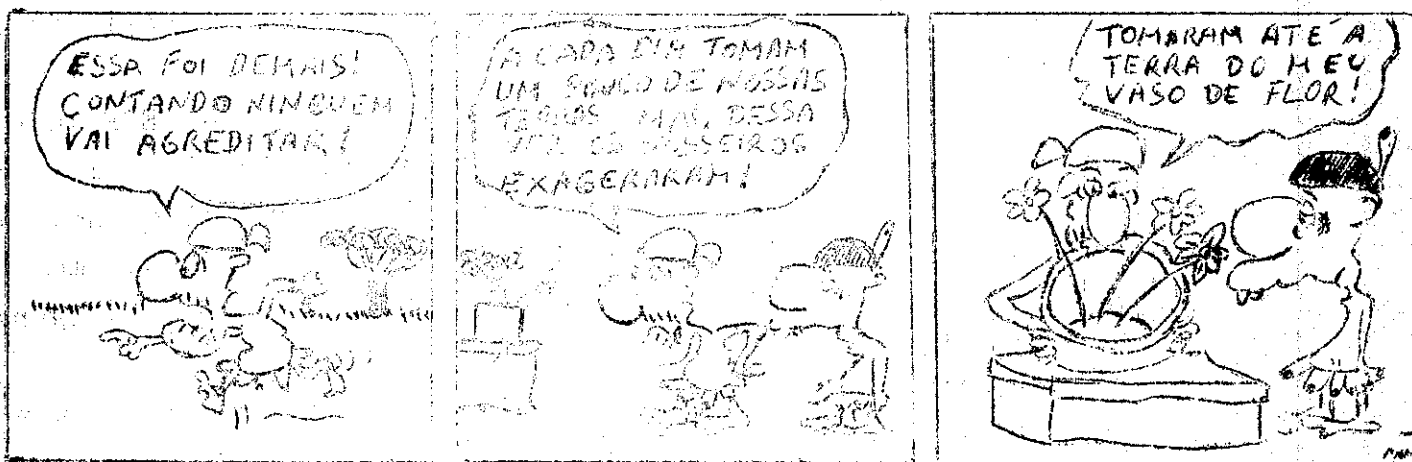
=====

SOLTOS LAVRADORES QUE ATACARAM OS GUAJAJARAS - ESP 17/08/79

"Os oito lavradores que lideraram o ataque aos Guajajaras - em que sete índios ficaram feridos - foram libertados por ordem judicial e retornaram a Barra do Corda, onde serão processados."

GUAJAJARAS EXIGEM A INDENIZAÇÃO DA Chesf - ESP 24/08/79

"O Conselho Tribal dos Guajajaras, no Maranhão, informou à FUNAI, que só permitirá a passagem por suas terras das linhas de transmissão da hidrelétrica de Tucuruí - construída pelas centrais elétricas do São Francisco, Chesf, - se receber garantias formais de que os índios serão indenizados. Além dessa exigência, os Guajajaras informaram à FUNAI que impedirão o início das obras enquanto não foram retirados os cinco mil invasores da reserva indígena Canabrava, nos municípios de Barra do Corda e Grajaú."



YANOMANI, TRIBO CONDENADA À MORTE - O São Paulo 25 a 31/05/79

"Os Yanomani, a maior nação indígena no Brasil de hoje, estão condenados à morte. Eles vão acabar, ameaçados e dizimados, contaminados por doença, enxotados de suas terras e desrespeitados em sua cultura e tradição.

são aproximadamente 8.500 índios, localizados na região fronteira do Brasil com a Venezuela, no Território Federal de Roraima e parte do Estado do Amazonas."

PROJETO PODE SALVAR YANOMANI - O São Paulo, 06 a 12/07/79

"Foi apresentado no dia 28/06/79 ao Ministério do Interior, à FUNAI e à Comissão de Interior da Câmara Federal o projeto para a criação de um parque indígena de Yanomani. Junto a esse projeto

=====

FATOS & NOTICIAS FATOS & NOTICIAS FATOS & NOTICIAS FATOS & NOTI

=====

esta sendo encaminhada uma petição ao Presidente da República, assinada por 34 personalidades, entre elas os presidentes da CNBB, ABA, ABI, OAB, SBPC, CIMI, assim como o diretor do INPA e o secretário do Meio Ambiente."

"o projeto de criação de um parque indígena se opõe a posição da FUNAI, a qual declarou de ocupação indígena 21 áreas dispersas, descontinuas, isoladas umas das outras. Se foram ocupados os "corredores" de 5 a 30 km, que ficam entre as áreas, vão se multiplicar as possibilidades de conflitos dos colonos com os índios."

=====

FATOS & NOTICIAS FATOS & NOTICIAS FATOS & NOTICIAS FATOS & NOT

=====

GRUPO DO PANCHO AINDA SEM SOLUÇÃO:

No ultimo informativo descrevemos sob o titulo "Grupo Kayoá reindidica o direito de suas terras" a história sofrida deste povo. Depois da ida do líder Pancho, e outros dois companheiros, para Brasília, em Fevereiro deste ano, a FUNAI não tomou nenhuma atitude neste caso.

Parece que com isso o novo administrador da Faz. Paraguassu se sentiu fortalecido porque começou colocar condições. Açou que só podia ficar morando na fazenda quem trabalha para a mesma. Deixou também avisado que quem quiser ir lá falar com os índios tem que primeiro pedir licença a ele.

Fins de Junho um antropólogo e um agrônomo foram até a fazenda para conversar com o administrador. Este os recebeu relativamente bem, dizendo que tudo isso não é assim, porque é papo furado dos índios, mas ele acha que os índios devem sair paulatinamente da terra "da fazenda".

Comprovado com isso o perigo de uma nova expulsão, a Pastoral indigenista enviou relatório urgente para o novo Presidente da FUNAI e à 9ª Delegacia Reg. do órgão.

Só no dia 2 de Agosto que a FUNAI tomou a primeira e até agora única atitude: o Delegado reg. se deslocou junto com um chefe de posto até a Faz. Paraguassu. Na conversa com o administrador os dois conseguiram confirmar a situação de insegurança deste grupo Kayoá. Mesmo assim o Sr. Delegado não se deu o tempo de falar pessoalmente com os índios, antigos moradores desta área.

CIMI REALIZA ASSEMBLÉIA NACIONAL E TEM NOVA DIRETORIA

Realizou-se em Goiânia, de 28 a 31 de Julho, a 3ª Assembléia Nacional de Pastoral Indigenista, organizada pelo CIMI (Conselho Indigenista Missionário), órgão anexo da CNBB.

O encontro contou com a participação de 10 Bispos, 20 representantes indígenas, representantes missionários eleitos pelos 8 Regionais do CIMI e assessores convidados, num total de mais de 100 pessoas. Os representantes indígenas prestaram significativa contribuição na discussão e estudo dos diversos temas.

Os grandes temas foram: estudo e análise da realidade indígena hoje; e nossa atuação como Igreja frente a esta realidade; linhas de ação e programação para servirem de base para a atuação do CIMI nos próximos anos; eleição da nova diretoria do CIMI para os próximos 4 anos.

Da abordagem dos dois temas iniciais (realidade indígena e nossa atuação, linhas de ação e programação) resultaram algumas conclusões importantes:

1. se constatou que a situação dos grupos indígenas no Brasil não tem melhorado nos últimos anos, mas sim se agravou ainda mais em muitas regiões do país. Se constatou também que o problema básico que estes povos enfrentam continua sendo o problema Terra. Apesar das muitas promessas oficiais em torno deste problema, praticamente nada foi feito. Em toda Amazônia, onde vive grande parte da população indígena do país, as frentes de expansão, especialmente da pecuária e da mineração, vão avançando inexoravelmente de forma rápida sobre os últimos redutos indígenas, sem que se veja qualquer iniciativa por parte do governo.
2. quanto a atuação da Igreja, se constatou que apesar de várias Igrejas locais estarem assumindo de forma mais eficaz a defesa dos povos indígenas, em muitas regiões a Igreja continua totalmente ausente. Neste ponto se pode constatar que, onde a Igreja se pos do lado dos índios na luta pela terra, se tem conseguido alguma coisa efetivamente.
3. quanto as linhas de ação e programação, a Assembléia concluiu que a Igreja deve continuar e aumentar sua atuação em favor da demarcação das terras indígenas, apoiando os próprios índios com recursos, apoio e orientação, nesta luta.

A Assembléia dirigiu um apelo especial àquelas Igrejas particulares ainda hoje ausentes na defesa dos grupos indígenas, especialmente aquelas Igrejas em cujo território tem grupos indígenas atualmente em franco e violento processo de destruição física e cultural.

No entanto, o grande tema presente em todos os debates foi o problema da Evangelização mesma destes grupos. No final da Assembléia foram aprovados documentos sobre os seguintes temas: Evangelização, Terra, CIMI frente a política indigenista oficial e Autodeterminação.

No documento sobre Evangelização, além de reconhecerem os seus erros, os missionários afirmam que o anúncio do Evangelho deve ser feito a partir da realidade diferenciada de cada grupo, seguindo a mesma pedagogia do Cristo, isto é, se encarnando na realidade do grupo indígena determinado, procurando ser um deles. O documento continua dizendo, que esta encarnação do Evangelho inclui necessariamente assumir à luz deste mesmo Evangelho, os mitos e a vida religiosa, através das quais cada povo recebeu a Revelação de Deus.

Outro documento aprovado fala da Autodeterminação: Constatamos que cada vez mais os povos indígenas tem consciência da opressão das tutelas e paternalismos e exigem seus direitos, sobretudo no que toca a integridade de seus territórios. O documento conclui que o CIMI deve continuar apoiando e testemunhando o direito inalienável dos povos indígenas à autodeterminação, questionando e informando a estes mesmos povos e à opinião pública sobre ameaças e atos dirigidos que comprometam os caminhos da verdadeira autodeterminação.

O documento final define a atitude do CIMI frente a política indigenista oficial, constata que a política indigenista oficial pós-revolução/64, faz parte do conjunto de medidas que visam a rápida expansão do capitalismo no campo. Para isto usa táticas diferenciadas: ora a repressão, ora o diálogo. Também neste ponto a Assembléia define linhas de ação para o CIMI: - que o CIMI não se recusa ao diálogo com o órgão oficial, mas deixa claro que o principal interlocutor não é o CIMI mas os índios. O diálogo do CIMI terá como base as linhas aprovadas sobre os problemas terra, auto-determinação e evangelização.

Finalmente teve lugar a eleição da nova diretoria do CIMI para os próximos 4 anos. Foi eleito, como presidente do CIMI, Dom José Gomes, Bispo de Chapecó, Santa Catarina; Vice-presidente, Dom Tomas Balduino, Bispo de Goiás Velho, GO; para Secretário, Pe. Paulo Suess, coordenador regional de Manaus, AM.

O CIMI está organizado em 8 Regionais, sendo que cada Regional tem um coordenador eleito pelos missionários da Região e posteriormente confirmado pela Assembléia Nacional.

